

CAMPANELLA

Nascido numa época de actividade febril, em que as rotas do pensamento — como as do mar — se abriam simultâneamente à curiosidade impetuosa e à investigação reflectida, Gian Domenico Campanella, em religião Fra Tommaso, reflecte e exprime, requintando-a na violência do seu temperamento, de assombrosa tenacidade, a aspiração múltipla, por vezes desconnexa, do pensamento, e a sêde não menos inquieta e fremente de actividade. Sêde que é a ambição complementar e nunca perdida, da racionalidade na acção.

No conhecido retrato, pintado cêrca de 1630, parece ler-se a energia prodigiosa de êsse homem, que, prêso durante mais de vinte oito anos, submetido à tortura por várias vezes, conserva a energia bastante para ocupar-se de assuntos dilectos, e a sua correspondência admiravelmente no-lo mostra. Entre as suas cartas há algumas de precioso auxílio para interpretar a sua exuberante personalidade.

Exemplificarei com uma, datada de Nápoles, oito de Julho de 1607, «do fundo do cárcere». O seu correspondente, Monsenhor António Quarengo, comparara-o com o famoso neo-platónico Pico de Miran-

dola, certamente o mais célebre dos dois, João, que pretendeu defender em Roma, contra os sábios expressamente convocados, nada menos de novecentas teses. Campanella explica-se com modestia aparente e clara vontade de que não haja confusão:

«Io, signor mio, non ebbi mai li favori e grazie singolari di Pico, che fu nobilissimo e ricchissimo ed ebbe libri a copia e maestri assai, e comodità de filosofare e vita tranquilla: le quali cose fan fruttar mirabilmente un fecondo ingegno. Ma io in bassa fortuna nacqui e dalli ventitré ani di mia vita sin ad ora che n'ho trentanove, da finir a settembre, sempre fui perseguitato e calunniato, da che scrissi contro Aristotile, di diciotto ani...»

E depois de ennumerar as prisões, a tortura, volta à sua filosofia, e o passo é digno de citar-se:

«Aprendo mais, — diz êle — na anatomia de uma formiga ou de uma planta (ponho de parte a do mundo, que é entre todas admirável) do que em todos os livros até agora escritos, desde que aprendi a filosofar e a ler o livro de Deus, exemplar pelo qual corrijo os livros humanos mal e caprichosamente copiados, e não segundo está no livro original do Universo... Na verdade Pico foi douto e nobre engenho; mas filosofou mais sôbre palavra alheia que sôbre a natureza e por isso quási nada aprendeu. Condenou os astrólogos, por não ter atendido à experiência. Também eu fiz outro tanto, aos deza nove anos; e depois vi a altíssima sapiência albergada em muita estultícia...».

E para terminar a cita, que se me afigurou útil e

clara, ainda poucas palavras, por breves e significativas transcritas agora no original.

Depois de afirmar que cede a qualquer talento, formado na escola da natureza e da arte, conclui:

... «*ma quando gli uomini parlano com' opinanti nelle scuole umane, li stimo equali... poiché Sant' Agostino e Lattanzio negáro gli antipodi per argomenti e per opinione ed un marinaio gli ha fatti bugiardi col testimoniar «de visu».*

A ideia, e até expressão análoga, se encontra facilmente em livros portugueses da mesma época. Perante uma realidade nova, o sistema de ideias, insuficiente e inexplicável, abria fendas, por onde o espírito inquieto procurava nova luz. Aristóteles, que fôra molde, havia de ser naturalmente alvo do ataque. O neo-platonismo e o neo-aristotelismo italianos — escolas brilhantes de erudição e cultura — são tangível aspecto do conflito, a tal ponto que certos estudiosos de Aristóteles — os alexandristas, os ortodoxos — como Pietro Pomponazzi, se propõem como objectivo restituir à pureza integral o texto do Stagirita.

Arauto e brilhante iniciador da nova fase fôra o cardeal Nicolau de Cusa (1401-1464) autor do livro célebre «*De docta ignorantia*», cuja tese principal é a da relatividade do conhecimento, como diríamos hoje. Em curiosa imagem, êle compara a relação entre a inteligência e a verdade com a que existe entre o círculo e o polígono inscrito; multiplicando o número de lados, aproxima-se indefinidamente do círculo sem o igualar. Assim, a essência das coisas

— a quiddidade, para servir-me do termo mais restrito de Cusa — é inatingível, e por isso nunca a acharam os filósofos que tanto a procuraram; e quanto maior fôr a nossa consciência de esta ignorância, tanto mais perto estaremos da verdade... «*quanto in hac ignorantia profundius docti fuerimus, tanto magis ad ipsam accedemus veritatem.*»

A Itália meridional, de brilhante e recuada tradição filosófica, concorre para o impetuoso movimento com três espíritos de notável independência, embora desigualmente dotados no saber e no valor: Giordano Bruno, de Nola, queimado em 1600; Bernardino Telesio, de Cosenza, que teve de exilar-se; Campanella, de Stilo, na Calábria, perseguido, torturado, prêso, durante quási trinta anos.

Pondo de parte as diferenças individuais, o mesmo ambiente envolve o pensamento de êstes três homens; todos prosseguiram o trabalho que já foi possível rubricar de sistemas metafísico-naturais. A concepção animista informa por igual Telesio e Campanella; e a atmosfera anti-aristotélica, exigida pela experiência, a todos envolve.

Mas eu desejaria, naturalmente pôr hoje em relêvo a figura de Campanella, e — seja-me licito dizer — ainda mais a personalidade que a doutrina, atendendo a que, no ponto de vista histórico, muita vez mais interessa o documento vivo do que o breve comentário. E estamos, creio eu, a celebrar uma figura, não a comentar um sistema.

Além d'isso, ao evocar-se uma figura antiga, é hábito cair em um de dois êrros, nenhum dos quais

eu queria juntar aos que venha a cometer: Ou se valorizam concepções históricas, parcialmente, fragmentariamente vistas, porque concordam com a nossa, porventura mais transitória ainda, ou se pretende valorizar a nossa, pelo apoio, real ou fictício, que lhe presta a concepção antiga.

Tudo isto me parece errado. Pode fazer-se, evidentemente, quando, em domínio claramente delimitado, a evolução é clara, a filiação possível, quer se trate de filiação real, quer de aproximação lógica; e quanto à valorização nossa pelo antigo pensamento ou reciprocamente, só no caso em que tenhamos critério seguro da aproximação. Isso é possível só em problemas restritos. Podemos hoje, por exemplo, saber qual das velhas tentativas para estabelecer a relação entre o círculo e o diâmetro é a mais aproximada, porque sabemos qual ela é; mas no domínio em que a aspiração do homem figura como origem e também critério de acção é sempre ilegítimo e falibilíssimo procurar o reforço do antigo pelo nosso ou a solidez do nosso pelo critério do antigo.

Muito mais em obra múltipla e um pouco desconnexa, como a do impetuoso autor da «*Città del Sole*».

Em primeiro lugar, Campanella é astrólogo, crente na magia, fiel à experiência. A aliança parece extravagante, e sem dúvida há desequilíbrio no resultado; mas talvez, se bem pensarmos, seja a fidelidade à experiência, ou melhor, certa forma de fidelidade à experiência, que auxilia o sonho do astrólogo e do

mago. A experiência, na ebriedade do homem que viveu o conflito científico e religioso da época, resolve definitivamente, e para o entusiasta que vê desmoronarem-se castelos de filósofos, perante a força prodigiosa da observação de marinheiros; que verifica a nulidade da concepção perante o exame directo da realidade, como poderia ocorrer que a experiência é também e apenas um tecido de ideias, e que só a maneira como as ideias se fundem a justifica e torna clara e demonstrativa? Quebrado o molde explicativo, não parava por isso — antes pelo contrário — a ânsia de explicar; e então procura-se na astrologia (que Ticho-Brahe e Kepler tiveram de simular que não desdenhavam) a parte de verdade, com o orgulho científico de repelir o que à nova experiência parecia absurdo.

Concepção mágica e poética, a do animismo universal, que torna compreensíveis à imaginação as relações no universo, ligado por laços de universal simpatia, isto é, verdadeiramente compreendido como «universo».

A magia aparece desta forma como recurso para preencher lacunas da compreensão, fazendo reentrar o transcendente no domínio da natureza. E fornece ainda um esboço da teoria do conhecimento e das suas imperfeições:

... «*Sente dunque il cielo e la terra e il mondo e stan gli animali dentro a loro come i vermi dentro il ventre umano, che ignorano il senso dell'uomo, perchè è sproporzionato alla loro conoscenza piccola.*»

E assim, para penetrar esta realidade, que trans-

cende os meios normais, só o interrogatório indirecto — forma da experiência — àquelas realidades previamente aceites, que simultaneamente explicam, justificam e condicionam a resposta dada à pergunta feita. Magia, astrologia, animismo, tornam-se elos da mesma cadeia do conhecimento, para aqueles que tendo visto, pelo saber do seu tempo, a inanidade das qualidades ocultas; tendo pensado, como Telesio pensara, que as causas finais particulares não podiam admitir-se, se viam obrigados a evitá-las, generalizando e unificando o princípio — ou a dificuldade — do conhecimento, e mostrando que no seu resultado êle podia ser surpreendido pela experiência, pelo contacto com as realidades, pela fôrça da verificação.

Confluem por tal modo, no espírito de Campanella, a tradição filosófica de que tenta herculeamente libertar-se, a tradição religiosa, que procura, ingénua e um pouco ennevoadamente, depurar, o ambiente de renovação científica embriagador e absorvente e a ânsia de acção, a ânsia de realizar, de levar o homem à plena consecução do seu objectivo no mundo.

De êste encontro, a movimentação prodigiosa do seu espírito, a fantasia exuberante das suas reflexões, a projecção artística, o desafôgo estético da sua febre. Campanella, como Bruno, é poeta de forte expressão.

Um seu biógrafo — a sua vida tem dado origem a demorada investigação e a sua doutrina a vasta polémica — apresentou a tese de que êle fôra sempre um simulador, porque fôra sempre conspirador. Verdadeira ou falsa, esta tese, contraditada como tantas

outras, permite no entanto considerar obra capital, senão no conteúdo exacto, pelo menos na intenção, a «Cidade do Sol». Ainda quando a parte de simulação tivesse sido exagerada, não o foi certamente a da conspiração. E por isso, se nesta obra Fra Tommaso não exprime todo o seu pensamento, revela a directriz que de início haveria de tomar a revolução de que era chefe supremo e que tinha por chefe secular certo Maurizio de Rinaldi, justicado em Nápoles, em 1600. A conspiração, cujo fim era instituir um regímen como o preconizado na «Cidade do Sol», contava ainda com o auxílio dos turcos, que chegaram a aparecer próximo de Stilo, por ignorarem que fôra descoberta a conspiração.

A «Cidade do Sol» é um opúsculo, um diálogo em que são interlocutores Ospitalario e Genovese. Fundamentalmente é uma exposição, aliás breve e pouco ordenada, da vida e organização da «Cidade do Sol», influenciada pela recordação das obras análogas de Platão e de Tomás More. O crítico italiano Benedetto Croce, que se ocupou do comunismo de Tommaso Campanella a propósito de uma sua crítica a um estudo monográfico da obra do frade calabrês, incluída na colecção alemã de História do Socialismo, parece-me ter pôsto a questão na sua verdadeira luz. O que deve examinar-se e julgar-se neste caso é a construção teórica. Excepção feita de certas doutrinas particulares, como a da educação, em que Fra Tommaso combate e supera a sua época, a sua ideia do império universal era apenas uma sobrevivência da Idade Média; e os

caracteres fundamentais da sua república são: a comunidade de bens (evidentemente necessária, pois se trata de uma sociedade comunista) e outro, êsse um pouco singular: a reserva para os fortes do direito de procriação.

... «*L'Amore ha cura delle generazioni con unire li maschi alle femmine in modo che facciano buona razza; e si ridono di noi, che attendemo alla razza delli cani e cavalli e trascuramo la nostra*».

Claro que entre pessoas habituadas hoje a ouvir falar do problema eugénico, a razão dada pode logo colher; mas convém lembrar que os cães e cavalos são seleccionados em virtude do nosso desejo, da nossa utilidade, e por violência nossa; e o problema que hoje se põe é, pelo contrário, porque nos repugna aceitar a violência criminosa de impôr a um nascituro incontestável hereditariedade mórbida; é só em nome de essa ideia, pelo menos em tôda a parte onde o raciocínio não perdeu os seus direitos, que se admite a possibilidade da restrição.

Mas o que é mais característico ainda na «Cidade do Sol» não é o absolutismo esclarecido que exerce o príncipe sacerdote chamado Sol «e na nossa língua — diz o autor — Metafísico». O comunismo aparece sempre aos teóricos de boa fé, indissoluvelmente ligado ao absolutismo integral; não é o facto de êsse absolutismo ir além da forma, para ser completo até na invariabilidade da pessoa, o que não sucede na construção de Tomás More; êle é chefe de todo o espiritual e temporal e todos os negócios com êle se regulam e concluem.

Nada disto é estranho ou surpreendente. Curiosa e estranha é porém a contradição intrínseca do ímpeto, do arranque do autor, do homem de acção, com o nebuloso, o indeciso da sua construção no concreto.

A «Cidade do Sol» corresponde mais uma vez àquela necessidade historicamente sentida e de que tanto exemplo abunda, quer no todo quer em parte da vida social, de construir instituições racionais, de acôrdo com a natureza das coisas, porque no mundo, todo sonhador, todo reformador e até todo ambicioso vulgar se julga no direito de procurador da realidade, e dir-se-ia que o Universo o delegou como embaixador da sua vontade. E se o curso dos factos desmente a aspiração, isso apenas confirma o pensamento de aqueles para quem a verdade é criada e não encontrada, instrumento e não alvo, meio permanente e não objecto adquirido.

Campanella acreditava que a sua obra assentava nas relações essenciais; e balouçado em mar agitado de concepções novas e tradições teimosas, tomava por vezes—êlé, o fogoso independente—attitudes de eclectismo frágil, a que dava todo o vigor do seu talento e toda a impetuosidade da sua energia indomável. Pondo de parte pormenores, a sua organização da «Cidade do Sol» era a de uma teocracia rígida e despótica (na qual êle seria, e de boa fé, certamente, o «Metafísico») e ao mesmo tempo estática, imóvel, impossível. Não que eu seja admirador do progresso ou místico da evolução; mas também não sou adorador da velhice nem da morte

e terei de sujeitar-me a ambas, ou, o que é talvez pior, só à segunda; e qualquer sistema que não as incluísse como inevitáveis, pareceria absurdo a quem quer que fôsse.

A ideia teocrática, assim fundida com a comunidade de bens e a reprodução... dirigida, como diríamos hoje! Aqui está um dos inúmeros testemunhos de forçado eclectismo. Autoridade universal religiosa, é da essência do catolicismo; autoridade temporal inerente e universal também, foi aspiração e devaneio de muitos crentes; mas Campanella, crente, cristão, frade, toma a liberdade de considerar o cristianismo a religião mais próxima da religião natural, quando despida de seus abusos. Não é visível a pendente e o abismo aonde ela pode conduzir?

Então, na sua república ideal, imaginada sobre o seu conhecimento de obras antigas e necessidades da vida contemporânea sua, vida social desgraçada para o povo miserável e em revolta contra exacções e violências dos poderosos, Campanella trava, de instinto o perigo, condenando irremissivelmente à morte o criminoso contra a liberdade (!) contra Deus e contra os oficiais maiores.

Ao mesmo tempo que a onda do saber moderno repercute violenta no cérebro de Fra Tommaso, a sua directriz é informada pela tradição escolástica, por êle combatida. Embora os melhores espíritos medievais pudessem estar livres de pensá-lo, a concepção da «philosophia perennis» foi para a maioria a convicção de que tudo era sabido e bastaria de aí em diante transmitir o que se adquirira. Campanella

vê que não é assim. Sabe que Aristóteles foi desmentido pela experiência; clama que o marinheiro dos descobrimentos corrige Santo Agostinho e Lactancio; mas insensivelmente julga que o conhecimento actual servirá para construção definitiva do que lhe era mais caro ao temperamento ardente de visionário activo: a vida humana colectiva organizada em moldes racionais. E para isso — a teocracia despótica — aspiração transitória do papado.

Não deve surpreender-nos muito.

Os positivistas, depois de aceitar que morrera a idade teológica e a idade metafísica — simultaneamente fases da história e fases do conhecimento ou da actividade intelectual — julgaram-se imediatamente na idade positiva, aquela que já não precisava de saber mais para realizar melhor com orientação definitiva.

Dada a filiação evidente da «Cidade do Sol», já mais de uma vez se tem comparado a Utopia de More e a obra de Campanella, quer em pormenores de doutrina, quer no conjunto e orientação. Reconhece-se facilmente que a obra de More é mais acabada, mais completa, mais cuidada pelo severo humanista; é também facilímo achar divergências de pormenor, que já foram cuidadosamente registradas por críticos do frade calabrês. A meu ver a diferença essencial está em que a obra de More é mais uma crítica, a de Campanella antes um projecto.

More examina a sociedade do seu tempo, critica-a à luz do seu saber, do seu ideal de justiça e traça um quadro em que os erros se combatem mos-

trando o modo como podem remediar-se em sociedade racionalmente organizada. Campanella traça um plano. Não duvida — porque tem fé nos astros — de que êle é realizável e há-de realizar-se; e põe-se à frente de uma conspiração, cujo resultado único para êle próprio foi a vida tormentosa que teve de viver.

O humanista e o astrólogo: eis o que está frente a frente nas duas obras, que surgem da mesma fonte e tendem genericamente ao mesmo objectivo. O humanista, que, errado ou certo, faz passar tudo na terra e para homens da terra; e o astrólogo, que por força quer transitar ininterruptamente, no conhecimento como na acção, da terra ao céu e do céu à terra. O «Metafisico» da «Cidade do Sol» é indispensavelmente versado na Astrologia.

De aí, a impossibilidade de ligação lógica de certas partes da sua obra; de aí, a superstição mascarada de ciência e a ciência ennevoada de superstição; de aí, o princípio que leva direito à heresia, e a fé que mantém os moldes e se serve das razões tradicionais; de aí, a alma do universo, em que tudo vibra e sente, e ao mesmo tempo a dignidade do homem, como o ser mais alto da criação. Os habitantes da «Cidade do Sol» são omnívoros; e Campanella explica:

... «*prima non volevano uccidere gli animali, parendo crudeltà, ma poi vedendo che era crudeltà ammazzare l'erbe ch'han senso... considerarono che le cose ignobili son fatte per le nobili e magnano ogni cosa*»...

De aqui finalmente, a conjugação da ordem do mundo «grande animal perfeito», «estátua e louvor de Deus» e a convicção profética da sua própria missão providencial:

*Io nacqui a debellar tre mali estremi:
Tirannide, sofismi, ipocrisia.*

E para debelar os três males máximos, lançava a raiz da teocracia universal, com um Metafisico praticamente insubstituível e infalível e um Estado de pura e vaga fantasia.

Nem me parecem contraditórias as opiniões, que já deram origem a discussão, sobre se Campanella tinha opiniões ocultas que transparecem na obra política, ou se esta é apenas a exposição de um ideal vago. Se considerarmos a forma, a ordenação, a «Cidade do Sol» parecerá apenas vago esboço; mas ligando-se-lhe o facto da conjuração comunista do autor, é evidente que o ideal já não era vago, pois êle procurava de tal forma concretizá-lo; e até na própria obra a intensidade da visão imaginativa de Campanella é tal que no plano não esquece — passando aliás em branco muitos pontos, importantes na hipótese de querer passar à acção — pormenores curiosos, como a maneira de comer e de vestir dos habitantes da república solar.

E por isso o que nos aparece como fantasia e inconseqüência apareceu ao seu espírito como realidade. De extraordinário ardor combativo, a sua própria tragédia respira heroicidade, veemência, e

fôrça. E desafoga tôda a exuberante fantasia em verso, por vezes singularmente forte e que tem, como disse Croce, «aquele character que pode qualificar-se de *dantesco*. Duro, em certos casos, mas vigoroso, audacioso e épico. Na ode «*Della possanza dell'uomo*», de fortíssimo arranque, transparece com soberbo vigor o seu entusiasmo pelo homem, máxima obra de Deus, e pela ciência, máxima obra do homem, que conhece as estrêlas, mede o tempo, doma o animal astucioso ou feroz, e conhece finalmente a divindade:

*Alla tua scuola Paolo ascende e trova
Con manifesta prova Cristo a destra
Della maestra Potestade immensa.
Pensa, uomo, pensa!*

E num soneto sôbre a ressurreição de Cristo, protesta contra a preferência pela visão do crucifixo sôbre a da redenção e da glória concedida ao homem pelo martírio de Cristo:

*Se sol sei ore in croce stette Cristo
Dopo pochi anni di fatiche e stenti
Ch'ei soffrir volle per l'umane genti,
Quando del Ciel fere ai mortali acquisto;*

*Che ragion vuol ch'e' sia per tutto visto
Sol pinto e predicato fra tormenti
Che lievi fur' presso a' piacer seguenti
Finito il colpo rio del mondo tristo?*

*Perchè non dire e scriver del gran Regno
Ch'e' gode in cielo e tosto farà in terra
A gloria e laude del suo nome degno?*

*Ahi folle volgo, ch'affissato a terra
Se' di veder l'alto trionfo indegno:
Onde sol miri al dì dell'aspra guerra.*

Quando anteriormente falei neste Instituto, tive de ocupar-me de dois artistas. Também Fra Tommaso Campanella foi artista e de forte vibração. Testemunha interessada, de fremente curiosidade perscrutadora, sentiu a sua vontade dirigir-se contra os obstáculos, que ainda lhe vedavam a ambicionada plenitude. Do lado do saber, acumulavam-se ruínas que urgia reconstruir; mas a exigência da razão faltavam muitas pedras, e o ânimo ardente do frade foi buscá-las à magia e à influência dos astros; do lado da vida social, acumulavam-se misérias, que imemorialmente a grei humana tem padecido, brutal desmentido às promessas de Cristo, *che tosto farà in terra*, — como diz a profecia do soneto — o reino da justiça; do lado mesmo da religião havia abuso, que deveria condenar-se e exterminar-se; e então estas ideias fermentam no cérebro de Campanella, que põe o seu saber, o seu entusiasmo, as profecias que interpreta e o sentido dos astros que consulta, ao serviço de um comêço de redenção humana, verdadeiro cumprimento do que na terra deve corresponder à redenção divina. E se não o conseguiu, não foi pelo desastre da sua ingênua, embora perigosa

conjuração sem seqüência, ou pela perturbante aliança da sua magia e do seu saber; parece que tôda época tem suas feitiçarias e só muito depois se conhece onde se escondera o bruxedo. A razão é outra. É que, embora pela própria natureza do problema, êle não possa ter solução definitiva e indiscutível, os séculos que passam dir-se ia aumentarem prodigiosamente a probabilidade de afirmar que a redenção só se operou uma vez — e foi divina — e foi pelo sacrificio do redentor.

Dezembro de 1939.

VIEIRA DE ALMEIDA

Professor catedrático da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa

CO
O
C

(A F

A
das
servi
guês
foi g
ram
aos
incun
sôbre
ilustr
e Me
forne
elem
ocup
que